

# O EFEITO DE VERDADE EM FORMAÇÕES DISCURSIVAS NO TWITTER: UMA ANÁLISE DOS SENTIDOS SOBRE A “BALBÚRDIA” DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS

Valesca Soares Consolaro (UFMS)<sup>1</sup>  
[consolarovalesva@gmail.com](mailto:consolarovalesva@gmail.com)

## RESUMO

Levando em consideração o contexto histórico marcado por duas *formações discursivas* (FOUCAULT, 2008) sobre o corte/contingenciamento dos recursos voltados para as universidades públicas brasileiras, em 2019, e a repercussão de uma fala do ministro da educação sobre os *campi* serem locais de “balbúrdia”, busco, por meio deste trabalho, analisar como se movimentam os sentidos a respeito do termo “balbúrdia” no *Twitter*. Para tanto, olho de que forma a *memória metálica* (ORLANDI, 2006) e o algoritmo da rede nos fornecem informações sobre o assunto e como os significados se transformam conforme a interação dos *sujeitos ordinários* (SILVEIRA, 2016). Realizo a análise a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, utilizando um método *arqueogenealógico* (ARAÚJO, 2008) foucaultiano – o que permitiu um olhar sobre as práticas não discursivas, intrínsecas aos embates dos sujeitos envolvidos. Com base em um *gesto de interpretação* (ORLANDI, 1999), é possível ver que os sentidos sobre “balbúrdia” assumiram, em primeiro momento, a dimensão de *efeitos de verdade* (FOUCAULT, 1979), mas ganharam outra dimensão em 2020, conforme o engajamento dos sujeitos posicionados politicamente, passando de um termo pejorativo para uma palavra de apropriação da militância acadêmica, em defesa da validade de suas produções dentro das instituições de ensino superior.

## Palavras-chave:

*Twitter*. Análise do Discurso. Memória metálica.

## ABSTRACT

Taking consideration on the historical context marked by two *discursive formations* (FOUCAULT, 2008) about the cut/contingency destined to the brazilian public universities, in 2009, and the repercussion of a speech of the education minister about the campuses being “babbling” places, we seek, through this work analyze how the senses about the term “babbling” move on *Twitter*. Therefore, I look at how the *metallic memory* (ORLANDI, 2006) and the network algorithm provide us information about the subject and how the meanings are transformed according to the interaction of the *ordinary subjects* (SILVEIRA, 2016). I perform the analyze from the theoretical-methodological assumptions of the french line from the speech analyze and using

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Foucault's *archeogenealogical* method (ARAÚJO, 2008) – what allowed us to look on non-discursive practices intrinsic to the clashes of the involved subjects. Based in the *gesture of interpretation* (ORLANDI, 1999), we can see that the senses about “babbling” assumed, at first, the dimension of the *effects of the truth* (FOUCAULT, 1979) but gained another dimension in 2020, according to the engagement of the politically positioned subjects, going from a pejorative term to a word of appropriation of academic activism, in the defense of the value of its productions in the higher education institutions.

**Keywords:**

*Twitter. Discourse analysis. Metallicmemory.*

## **1. Considerações iniciais**

Este trabalho surge de uma inquietação sobre a crescente desvalorização tanto da carreira de professores e de estudantes pesquisadores, quanto do conhecimento desenvolvido em ambiente acadêmico no Brasil. Trata-se de um período marcado por duas *formações discursivas* (FOUCAULT, 2008) distintas, a respeito do corte/contingenciamento de recursos voltados para as universidades públicas em 2019.

A partir da historicidade do contexto, meu objetivo é analisar como se movimentam os sentidos do termo “balbúrdia”<sup>2</sup> no *Twitter*, visto que a designação repercute uma fala do ministro da educação sobre os campi e está associada à suposta preferência por atividades recreativas em horários de aula, seja nos laboratórios, seja demais espaços das instituições de ensino superior. Para tanto, recorro aos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, a partir do método *arqueogenealógico* (ARAÚJO, 2008) foucaultiano.

A escolha do *Twitter* enquanto espaço de análise foi realizada pela percepção de que, na contemporaneidade, o ambiente digital tornou-se local de construção de sentidos, os quais influenciam no cotidiano dentro e fora da virtualidade. Assim, olho para os enunciados mobilizados por *sujeitos ordinários* (SILVEIRA, 2016), pela imprensa tradicional e, também, por sujeitos do poder. Entendendo que as falas expressas por representante legitimados são reproduzidas pela mídia jornalística, situo as materialidades em circulação no *Twitter* levando em conta que, para

---

<sup>2</sup> No final de abril de 2019, o ministro Abraham Weintraub afirmou que o MEC cortaria recursos de universidades que não apresentassem “desempenho acadêmico” esperado e estivessem promovendo “balbúrdia” em seus campi. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/04/bloqueio-de-verba-de-3-universidades-federais-e-ilegal-e-ignora-desempenho.shtml>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

Foucault (2008), há um jogo entre a emergência do discurso, como um *já-dito* silenciado pela descontinuidade da história, e seu erigir como um *jamais-dito*.

Consequentemente, no contexto do *online*, há práticas alternativas de se fazer jornalismo, é um ambiente com novos públicos, demandas, formas de interatividade e agilidade. Mais ainda, os *discursos ordinários*, produzidos pelos sujeitos sem legitimidade institucional, que propagam suas opiniões na internet, “[...] passam a disputar os mesmos espaços midiáticos das instituições legitimadoras de discursos de dominação – mas nunca produzindo os mesmos efeitos” (SILVEIRA, 2016, p. 66). Ao passo que os discursos atingem maior relevância quando alcançados por um grande número de pessoas no *Twitter*, os enunciados de tal instância, tanto quanto os jornalísticos, contribuem ativamente para as discussões sobre determinados assuntos.

Considerando o exposto, destaco que a *memória metálica* (ORLANDI, 2006) é uma condição importante para o modo como funciona o mecanismo da rede. Formada por influências do algoritmo e das discursividades que se cruzam, tal memória influencia nos gestos de leitura e na circulação de informações movimentadas em ambiente digital.

Nas próximas páginas, destaco, primeiramente, as *condições de possibilidade* (FOUCAULT, 2014) relativas ao acontecimento e ao momento histórico em que surge a discussão, para descrever as circunstâncias do embate entre *formações discursivas* distintas a respeito da “balbúrdia”, passando então, no mesmo tópico, à abordagem teórica. Em seguida, traço a metodologia, baseada na arqueogenealogia foucaultiana, a partir da montagem do *arquivo* e da seleção de *regularidades e dispersões* nas Sequências Enunciativas (SEs) encontradas. Por fim, realizo a análise do *corpus*, problematizando os discursos em circulação na rede social.

## **2. Condições de possibilidade: balbúrdia**

Em decorrência das eleições de 2018 e, posteriormente, com o início de um novo governo, a disseminação de discursos em relação ao campo da educação assumiu a dimensão de *efeitos de verdade* (FOUCAULT, 1979), isto é, de ideias construídas que estabilizam alguns sentidos como verdadeiros. Sobre os *efeitos de verdade*, Foucault entende que “o problema não é mudar a “consciência” das pessoas, ou o que elas

têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção de verdade” (FOUCAULT, 1979, p. 14). Logo, interrogar a noção de verdade vigente na sociedade é entendê-la como ligada ao regime manipulável por meio de interesses do poder.

Assim, o ponto de partida para este trabalho é a fala do ministro da educação brasileira, integrante do governo eleito em 2018, Abraham Weintraub, na qual ele caracteriza, inicialmente, três Instituições de Ensino Superior (IES) como locais de realização de “balbúrdia”: a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade Federal da Bahia (UFBA)<sup>3</sup>. Utilizando a afirmação como justificativa, o ministro bloqueou 30% dos investimentos orçamentários destinados às instituições. Após a repercussão de notícias, outras universidades se mobilizaram em defesa da educação e, mais tarde, foi anunciada a aplicação do bloqueio em todas as IES públicas brasileiras.

O bloqueio de verbas destinadas à educação superior repercutiu no aparecimento de duas *formações discursivas* diretamente ligadas ao termo *balbúrdia*: a definição como corte ou contingenciamento de recursos da educação. A noção do significado das duas expressões é importante porque, com elas, situa-se o que pode ser fruto de autoritarismo ou medida administrativa de governo. Para Foucault (2008, p. 36, acréscimo meu), *formações discursivas* são “enunciados, diferentes em sua forma, dispersos no tempo, [que] formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto”. De posse do conceito, defendo que as duas materialidades discursivas ainda carregam vestígios dos embates passados, entre as *#elesim* e *#elenão*, no contexto das eleições presidenciais de 2018. Historicamente, o evento é marcado por uma rachadura na sociedade, conforme o posicionamento de brasileiros contrários ou favoráveis à eleição de Jair Bolsonaro.

Logo, é possível ver, nas buscas pelo *Twitter*, que os enunciados referentes ao *contingenciamento* – termo utilizado nas falas oficiais do governo<sup>4</sup> – parecem ser mobilizados pelos mesmos sujeitos que movi-

---

<sup>3</sup> Notícia sobre o corte/contingenciamento. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/30/mec-corta-verba-de-tres-universidades-federais-mas-nao-explicativo.ghtml>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

<sup>4</sup> Em 7 de maio de 2019 o ministro afirma não existir corte. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/07/nao-ha-corte-ha-contingenciamento-diz-ministro-da-educacao-sobre-orcamento-das-universidades-federais.ghtml>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

mentaram a tag *#elesim*, em gestos de incentivo e apoio às escolhas do governo vigente. Já a adoção da palavra *corte* tem circulação principalmente no discurso veiculado por adeptos da tag *#elenão*, ou seja, por indivíduos contrários ao bloqueio de investimentos, que não aceitam a designação minimizadora, escolhida pelo ministro e não apoiam a política implementada.

Na SE I, que trago primeiramente aqui e não na discussão, mostro em qual contexto surge a ideia de “balbúrdia”. Em entrevista, o ministro da educação afirma que algumas universidades públicas permitiram o uso do ambiente para práticas ilegais e incompatíveis com objetivos educacionais, como festas. Tal enunciado reverberou em um *efeito de verdade* (FOUCAULT, 1979) e na estabilização de sentidos a respeito do termo em 2019.

SE I: Busca pelo termo “balbúrdia” – surgimento.



Fonte: *Print* produzido pela autora em 03 abr. 2020.

Na imagem, há um *post* no *Twitter*, realizado pela jornalista que entrevistou o ministro, no qual ela relata a circunstância da fala do funcionário do governo ao jornal O Estado de São Paulo, com a seguinte declaração: “universidades que, em vez de procurar melhorar o desempenho acadêmico, estiverem fazendo balbúrdia, terão verbas reduzidas”, além de mais uma observação: “se aluno se machucou por causa de festa, cortaremos verba”. Ao fazer a afirmativa, o ministro dá a entender que as universidades precisam melhorar mais ainda o desempenho acadêmico e que tal defasagem está relacionada com o tipo de atividade que os estudantes praticariam.

No *print*, que acompanha o enunciado da fala proferida por Abraham Weintraub, não há elementos suficientes que nos permitam iden-

tificar se o que se publica como representação de festa ocorre na universidade ou em situação de aula, mas a cena propicia o estabelecimento de uma equivalência: “universidades promovendo balbúrdia = verba cortada”; “alunos se machucando na balbúrdia = verba cortada”. A partir de da sistematização dessa ideia, o ministro justifica o corte como medida de proteção necessária, em função dos alunos que “fazem balbúrdia na universidade”. No bojo de sua assertiva, existe a reprodução de um discurso típico do conservadorismo, baseado em uma lógica de castigo como mecanismo corretivo e na invasão de privacidade sobre a escolha de lazer de cada indivíduo.

Outras problemáticas também foram levantadas no contexto, a exemplo dos discursos deslegitimando a atuação do corpo docente e discente, com a caracterização dos professores como “zebras gordas”<sup>5</sup>, que custariam muito caro ao Estado; a criação de *fake news* sugerindo a existência do cultivo de maconha nos *campi* e a denúncia da suposta ocorrência de orgias nos ambientes acadêmicos<sup>6</sup>. Por outro lado, contra os ataques às universidades, manifesta-se um campo de batalha entre perspectivas diferentes e em movimentação no *Twitter*, visando mostrar que os apontamentos realizados não condizem com a realidade acadêmica.

O discurso proferido por uma autoridade tem um poder institucionalizado, o qual reflete, nos perfis pessoais, os *discursos ordinários* (SILVEIRA, 2016), constituídos por sujeitos sem legitimidade institucional, portanto não representantes de um veículo de comunicação ou alguma entidade. A afirmativa de um ministro, agente do poder estatal inspira preocupação dado o seu potencial de alcançar um espaço de legitimidade quase inquestionável. A fala reverbera e aparece nos discursos de outros na forma de *já-dito* (KOMESU, 2010), discurso que, segundo a autora, materializa-se em repetições de um enunciado anteriormente em evidência.

---

<sup>5</sup> Durante o 21º Fórum Nacional de Educação Superior Particular, em setembro de 2019, o ministro da educação, Abraham Weintraub, disse que precisa “atacar a zebra mais gorda”, o salário de professores das universidades públicas. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/weintraub-afirma-que-vai-atras-da-zebra-gorda-professores-que-ganham-de-15-mil-r-20-mil-23976141>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

<sup>6</sup> As *fakenews* repercutiram em todo o país e movimentaram muitos embates, inclusive, apontando o surgimento dessas através de disparos em massa pelo *whatsapp*. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/05/14/milicia-digital-bolsonarista-contra-universidades/>>. Acesso em: 01 abr. 2020.

Os embates no ambiente digital são o foco para a compreensão de como a *memória metálica* (ORLANDI, 2006) influencia os gestos de leitura e interpretação na internet em relação ao termo “balbúrdia”. Orlandi (2006) explica que a *memória metálica* é

[...] produzida por um construto técnico (televisão, computador etc.). Sua particularidade é ser horizontal (e não vertical, como a define Courtine), não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo: o que foi dito aqui e ali e mais além vai-se juntando como se formasse uma rede de filiação e não apenas uma soma. Quantidade e não historicidade. (ORLANDI, 2006, p. 5)

Levando em conta tais especificidades, é possível pensar nas mídias sociais enquanto um lugar *heterotópico* (FOUCAULT, 1972), ou seja, um local paralelo, de desvio do padrão em ideias e comportamentos. Na internet e por meio dela, dos códigos de programação, dos algoritmos, da *memória metálica* é que são (re)produzidos sentidos formadores de uma memória histórica e coletiva da população na atualidade midiaticizada. A interação dos sujeitos, junto à memória da máquina, cria um ambiente de múltiplas possibilidades para a construção de sentidos, leituras de arquivos e movimentação de embates e ideias, por isso os enunciados do ambiente digital repercutem tanto no cotidiano real.

Para Grigoletto (2015), montamos um grande arquivo na internet, muitas vezes, sem perceber, no qual ficam guardadas infinitas informações, dados, imagens, entre outros tipos de documentos. Acerca do ambiente digital, a autora destaca que

[...] ao produzir esse trabalho “institucional” de ser uma depositária de milhões de informações - das mais diversas, heterogêneas e contraditórias possíveis - funciona como reguladora, ao mesmo em que é regulada pelas relações de poder que atravessam a nossa sociedade. O que é (ou não) arquivado, o que entra (ou não) na rede, o que figura como principal resultado de uma pesquisa realizada pelos internautas sobre determinado assunto é efeito dessas relações de poder que produzem, por sua vez, um efeito de estabilidade e naturalidade para o que é extremamente heterogêneo e contraditório. (GRIGOLETTO, 2015, p. 34)

O efeito de naturalidade ressaltado por Grigoletto (2015) possibilita aos usuários pensar que as informações aparecem aleatoriamente, sem nenhuma regra, lei ou instituição. Entretanto, por existirem múltiplos fatores tecnológicos influenciando nos resultados de pesquisas, bem como nos gestos de leitura e navegação dos indivíduos, as preferências particulares de cada um também determinam filtros, criando uma bolha de informações repetidas.

Olhando especificamente para a montagem, a produção de efeitos, os gestos de leitura e a interpretação dos arquivos em circulação na hipermídia, destaco que a construção das narrativas em um ambiente *heterotópico* contribuem para o surgimento de um novo corpo social na materialidade digital, existente em sentido abstrato e, ao mesmo tempo, real. Gallo e Romão (2011) salientam que pessoa e máquina vêm a se tornar um só na *internet*. Tal relação cria um paradoxo entre presença e ausência, colocando o sujeito em uma contradição sobre “[...] estar entre o uniforme e o singular, fazer-se mais um nas redes da internet e não saber-dizer do que lhe é peculiar, o exposto de si mesmo em cadeia planetária e o não-saber de si fora dela” (GALLO; ROMÃO, 2011, p. 20). O funcionamento delineado pelas autoras é bastante pertinente à compreensão do meu objeto, pois, ao lidar com os sentidos e com a *memória metálica*, o usuário da rede pode perder a noção do real, idealizando, assim, um universo quase fictício, com verdades supostamente absolutas e confortáveis.

Logo, a mídia social digital tornou-se local de fala e visibilidade constante a sujeitos conectados através da representação de um avatar. Trata-se de um lugar de troca de informação ou uso de novas formas de linguagens e comunicação, seja entre sujeitos legitimados institucionalmente ou não. Conforme explicita Grigoletto (2017), no espaço hipermediático, encontram-se diferentes tipos de fontes a se pronunciar. A autora faz uma distinção entre as mídias tradicionais – meios de comunicação que possuem legitimidade de fala – e mídias não-tradicionais – *blogs*, sites de jornalismo independente ou sujeitos que se manifestam individualmente em seus perfis pessoais, os *sujeitos ordinários* (SILVEIRA, 2016).

No processo de movimentação de conteúdo e informação na internet, os meios de comunicação e os demais discursos conversam entre si, sendo guiados pela mediação algorítmica da *memória metálica* em relação à circulação de ideias. Sobre os algoritmos, Machado (2018, p. 46) explica que “[...] não se trata de uma objetividade imposta por normas institucionais ou éticas, mas se supõe uma neutralidade mecânica, intrínseca da máquina” – o que abre espaço para um questionamento a respeito do quanto os indivíduos são guiados na navegação. Cada rede possui um algoritmo e determinados padrões, então não é por acaso que, ao buscar por algum produto, é comum receber anúncios a respeito do mesmo durante alguns dias.



No contexto das redes sociais, as informações publicadas por *sujeitos ordinários* se cruzam com os materiais jornalísticos e, na dinâmica da simultaneidade, produzem sentidos que se transformam ao longo do tempo, bem como são formados conforme o exercício da *memória metálica*.

### 3. Metodologia

Esta pesquisa aciona como *dispositivo teórico-analítico* (ORLANDI, 1999) a Análise do Discurso de linha francesa. Para compreender a circulação de possíveis sentidos, é preciso a observação de um acontecimento discursivo, em um intervalo de tempo na história. Assim, recorro ao método *arqueogenealógico* (ARAÚJO, 2008) foucaultiano, de modo a valorizar, também, as práticas não discursivas, em outras palavras, a leitura das estratégias de poder político não como instância fixa ou opressora, simplesmente, mas considerando o funcionamento recíproco e intercambiável no que diz respeito às relações entre acontecimentos e respostas, conforme gestos de embates oriundos de sujeitos e instituições engajados politicamente.

No exercício da coleta de dados do presente estudo, o *arquivo* (FOUCAULT, 2008) é constituído a partir de um mapeamento, no *Twitter*, de postagens decorrentes das discussões em torno do termo “balbúrdia” em relação às universidades públicas brasileiras. Partindo da noção de *memória metálica* (ORLANDI, 2013), aciono um *gesto de interpretação* (ORLANDI, 1999) sobre as discursividades em circulação no ambiente *on-line*.

Para a montagem do *arquivo* na internet, lembro que a *memória metálica* tem funcionamento de materialidade digital. Orlandi (2006) mobiliza o conceito ao entender que, na rede, a veiculação de informações provém de uma série de repetições e reproduções, as quais são acumuladas e atualizadas conforme o algoritmo e os filtros construído pelos sites.

No tratamento do *arquivo*, parto de uma descrição das *regularidades e dispersões* (FOUCAULT, 2008), para o recorte do *corpus*. Segundo Foucault (2008, p. 42), não se trata de “opor a regularidade de um enunciado à irregularidade de outro (que seria menos esperado, mais singular, mais rico em inovações), mas sim a outras regularidades que caracterizam outros enunciados”. Tomo, por critério de seleção das Se-

quências Enunciativas (SEs), as postagens que aparecem na busca das seguintes palavras-chaves no *Twitter*: “balbúrdia” e “*fake news* balbúrdia”, em conformidade ao maior engajamento de curtidas e comentários em cada uma delas. É, então, no batimento entre enunciados e seus efeitos de sentido possíveis que foi estabelecido o recorte selecionado para o desenvolvimento desta análise.

Assim, vejo que o sentido não é algo exato, porque “[...] a materialidade do gesto de interpretação está por historicidade, memória” (ORLANDI, 2013, p. 3). Ao realizar uma análise do discurso, abre-se espaço para múltiplas possibilidades de interpretação, pois o processo de pesquisa, desde a construção do *arquivo*, é cruzado pela subjetividade, sendo diretamente influenciado pelo lócus do analista e pelo momento histórico vivido. Consequentemente, são possíveis, como destaca Orlandi (2013, p. 3), “contribuições sempre diferentes e extremamente frutíferas para o conhecimento do objeto simbólico em questão e a observação dos processos de significação”. Logo, a realização de gestos de leitura no digital abre espaço para futuras reflexões acerca de como nos relacionamos e trocamos informações no ambiente *on-line*.

#### 4. *Discussão*

As Sequências Enunciativas (SEs) analisadas aqui compõem o *corpus* do trabalho, montado a partir de duas buscas no *Twitter*: “balbúrdia” e “*fake news* balbúrdia”. A primeira SE foi empregada no delimitamento das condições de possibilidade do arquivo de pesquisa, e as demais, SEs II, III e IV, são resultados das procuras realizadas, conforme o período e os sentidos em circulação. Discuto as circunstâncias em que a expressão “balbúrdia” foi (re)produzida em 2019, observando como, ao mesmo tempo, o termo repercutiu em *fake news*, chegando aos novos sentidos mobilizados em 2020.

Na SE II, há uma interação de respostas no *Twitter*. Ao buscar pelo termo “balbúrdia” e encontrar publicações de 2019, é possível ver regularidade na relação do termo com o corte/contingenciamento. O aparecimento do vocábulo “balbúrdia” repercutiu, inicialmente, em constantes embates no ambiente digital, aumentando mais ainda a rachadura na sociedade em relação aos pontos de vista políticos cujo confronto já abordei.

## SE II: Busca pelo termo “balbúrdia” – embates e *efeitos de verdade* em 2019.



Fonte: *Print* produzido pela autora em 03 abr. 2020.

O crescente confronto, marcado pelo uso de *tags*, passa a representar cada vez mais um símbolo de resistência no espaço digital. A materialidade mostra a postagem do presidente da república, Jair Bolsonaro, falando sobre o objetivo de descentralizar e desvalorizar as produções de áreas de humanas, a exemplo da Filosofia e Sociologia, deixando claro seu interesse em “focar em áreas que gerem retorno imediato ao contribuinte como: veterinária, engenharia e medicina”. No contexto, é possível ver que o representante maior do governo brasileiro desmerece, colocando em situação inferiorizada, os conhecimentos que promovem e impulsionam o pensamento crítico da sociedade, através de estudos de cunho social.

Em seguida, outra pessoa, que chamo de sujeito 1, entra na discussão e aponta para uma possível formação de pessoas incapazes de fazer questionamentos, ao perguntar se “o objetivo é criar gente que não conteste o governo”. Posteriormente, o sujeito 2 também se posiciona, em resposta, afirmando que os filósofos são maconheiros, “que ganham bolsas de pesquisa e torram em festinhas de balbúrdia universitária e alimentam o tráfico dentro das universidades. Conheço bem esse meio”. Tal enunciado reproduz três ideias já movimentadas pelo ministro da educação sobre as instituições de ensino superior: balbúrdia, festas e maconha. Este, aparece nas mídias a partir de uma entrevista ao canal no *YouTube* do Jornal Cidade. Na ocasião, foi veiculada uma declaração do ministro acerca dos campi: “você tem plantações de maconha, mas não é

três pés de maconha, você tem plantações extensivas em algumas universidades”, embora tenha sido realizada sem a apresentação de provas.<sup>7</sup>

A fala do sujeito 2, em resposta ao sujeito 1, é a reprodução de um discurso que assume *efeito de verdade* (FOUCAULT, 1979). Marcado por *já-ditos* reproduzidos por *sujeitos ordinários*, tais dizeres são a materialização de falas que podem estar relacionadas com o posicionamento de autoridade política. Devido à visibilidade e à posição governamental dos sujeitos envolvidos na origem da polêmica entre o uso de corte/contingenciamento, os discursos estabilizados conseguem assumir certa credibilidade e circulam como se seus posicionamentos fossem incontestáveis e repletos de razão. Similar à nocividade de outras *fake news* em relação às universidades no mesmo período, estão os sentidos que configuram a SE III, a seguir:

SE III: Busca pelos termos “*fake news* balbúrdia” em 2019.



Fonte: *Print* produzido pela autora em 03 abr. 2020.

Na SE III, trago uma das *fake news* que circularam, principalmente em 2019, em relação aos ambientes universitários e suas atividades,

<sup>7</sup> Após o acontecido, a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições de Ensino Superior (Andifes) entrou na justiça pedindo explicação das alegações. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/05/reitores-pedem-na-justica-que-ministro-da-educacao-explique-fala-sobre-drogas-em-universidades.ghtml>>. Acesso em: 01 abr. 2020.

buscando provar as concepções de determinados sujeitos a qualquer custo. No processo de análise, vi a necessidade de buscar por uma nova palavra-chave, que me levasse às materialidades discursivas *fakes* sobre as tais balbúrdias, visto que muitas informações absurdas estavam sendo compartilhadas. A pauta das *fake news* é um tema presente nas discussões relacionadas ao governo eleito em 2018. As especulações sobre a proliferação de notícias falsas, durante a campanha eleitoral, disparadas em massa pelo *whatsapp*, acarretaram na Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das *fake news*, encarregada de investigar informações mentirosas e sua forma de disseminação, como algo que causa danos à sociedade, às instituições e fragiliza o debate público.

A SE III situa uma postagem de conteúdos não verdadeiros, na qual a imagem de supostos alunos nus andando em fila, no corredor de um prédio não identificado, tem compartilhamento que a caracteriza como sendo uma apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no curso de Filosofia. As notícias falsas em circulação mostram o reflexo de sujeitos que não se baseiam mais em fontes oficiais para a veiculação de informação. Campos (2018, p. 43) explica que “[...] a desconfiança da população a respeito do jornalismo e da grande mídia é alimentada e estimulada por posturas autoritárias, nacionalistas, populistas e radicais” – pensamento bastante intensificado durante a campanha do governo eleito em 2018.

O linchamento virtual é uma das consequências da desinformação promovida por *fake news* e também da acusação de que os veículos de comunicação venham a ser totalmente tendenciosos. Ainda vejo que o *discurso ordinário* na internet é carregado de um *efeito de rumor* (SILVEIRA, 2016, p. 78), ou seja, falas que não carregam necessariamente uma autoria, mas produzem rumores, ideias compartilhadas, que se movimentam e se encontram no ambiente digital, levando a “um diz que me diz”. São enunciações relatadas sem prezam por fontes confiáveis, apoiando-se na necessidade de serem propagadas e que não se sustentam por muito tempo.

Embora a existência desse fenômeno seja desanimadora, com o trabalho de instituições engajadas em combater a disseminação de notícias falsas, bem como com a participação dos militantes pela educação produzindo e compartilhando novos sentidos, vejo novos significados em 2020, como apresentado na SE IV.

SE IV: Busca pelo termo “balbúrdia” – novos *efeitos de sentido* em 2020.



Fonte: *Print* produzido pela autora em 09 abr. 2020.

Aqui, há o fortalecimento de um novo significado atribuído ao termo “balbúrdia”, em meio à pandemia do coronavírus. Os embates anteriores, em 2019, mobilizaram os sujeitos defensores do *#elesim* e do contingenciamento na reprodução da “balbúrdia”, atribuindo um sentido pejorativo e negativo às universidades públicas. Por outro lado, em 2020, os indivíduos mobilizados pela *tag #elenão* e que usam o termo *corte*, seguem engajados em atribuir um novo sentido à ideia de balbúrdia. Mostrando resultados científicos produzidos nos espaços acadêmicos, a postagem retrata a busca pertinente por uma cura do vírus causador da doença COVID-19 que têm levado à morte de milhares de pessoas no mundo todo.

A materialidade da SE IV apresenta uma postagem em que o sujeito dá um “viva à balbúrdia”, compartilhando a informação de que pesquisadores da Universidade Federal Fluminense (UFF) conseguiram desenvolver testes rápidos para o diagnóstico da doença. Nela, a atribuição de novos sentidos ao termo *balbúrdia* resulta de um processo longo de embate dos sujeitos militantes em favor da valorização da educação brasileira.

Com o passar do tempo e com novos sentidos sendo compartilhados, a máquina passa a dar outros resultados em relação à pesquisa da palavra “balbúrdia”. Tal acontecimento se dá pelo que Orlandi (2006) propõe ao dizer que a *memória metálica* é produzida no decorrer do

tempo histórico, oriunda de um cruzamento entre os conteúdos promovidos pelos sujeitos *on-line*, a quantidade de informação e o filtro de programação da máquina.

A partir da análise do *corpus*, nas SEs de I a IV, vejo que é preciso uma busca detalhada, com termos específicos, para encontrar as informações de interesse particulares, como o explicitado neste estudo. Assim, se uma pessoa coloca na busca do *Twitter* o termo “balbúrdia”, em abril de 2020, ela pode encontrar um resultado característico da historicidade do momento, fruto das nuances já explicadas sobre *formações discursivas* distintas. Em contrapartida, se fosse no ano passado, em abril de 2019, por exemplo, a pesquisa poderia resultar na apresentação de *fake news* ou em mais amostras do embate ocorrido em torno das noções de corte e contingenciamento.

Outro sentido percebido é referente à percepção de lutas de grupos opostos. As pautas apresentam uma permanente divisão de ideias e é possível ver, inclusive, como cada posicionamento político leva os sujeitos a pensamentos em comum. Aqueles mobilizados pela *#elenão/corte* também estão engajados quanto a questões da educação, do meio ambiente, da crise da violência extrema e da fome, enquanto os sujeitos posicionados pela *#elesim/contingenciamento* tocam mais nos problemas sobre corrupção, antipetismo e economia desacelerada. Os dois lados divergem em mais de um aspecto, principalmente no que diz respeito aos direitos humanos e às problemáticas sociais.

Lembro que os efeitos de sentido na internet podem se cristalizar, mas também são passíveis de mudanças e esquecimentos – fator que deve ser levado em consideração nos gestos de leitura. Assim, percebo que ler na internet, em tempos de informações lançadas constantemente, exige um conhecimento a respeito da máquina, como matéria-prima para a realização de buscas menos afetadas pelo algoritmo de um site específico ou por um *efeito de verdade* já reproduzido por uma bolha.

## 5. Considerações finais

Com base em um *gesto de interpretação* sobre as materialidades em circulação no *Twitter*, relacionadas à “balbúrdia”, problematizei alguns dos movimentos de sentidos por internautas. Nas análises realizadas, o termo “balbúrdia” insurge na *memória metálica* significando algo negativo. Posteriormente, a designação ganha espaço no discurso mili-

tante mostrando o contrário, sobretudo a partir das falas de *sujeitos ordinários* insistindo em dar visibilidade para conquistas das universidades, ao “escancarar” a “balbúrdia” produzida pelos pesquisadores.

Utilizando o método *arqueogenológico* de Foucault, as práticas discursivas foram problematizadas para além da materialidade textual. Nessa direção, observei a influência do sistema político, das condições históricas dos meios de comunicação e dos posicionamentos de sujeitos ordinários, percebendo como tantos fatores influenciam nas *formações discursivas* em disputa e nos *gestos de leitura* possíveis em cada cenário.

A “balbúrdia”, as “festas” e as “plantações de maconha” são expressões utilizadas na repercussão de enunciados que materializaram *efeitos de verdade*, carregados por um *já-dito* polêmico. Como efeito de fecho, considero emergente o desenvolvimento de outras pesquisas nas quais se possa avaliar como as falas de representantes políticos influenciaram nos sentidos das discursividades de outros acontecimentos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Inês Lacerda. *Foucault e a crítica do sujeito*. 2. ed. Curitiba: UFPR, 2008.

CAMPOS, Raquel. Redes sociais e o ódio escancarado. In: SILVEIRA, Éderson Luiz da (Org.). *Os efeitos do autoritarismo: práticas, silenciamentos e resistência* (im)possíveis. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018. p. 36-51

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 dez. 1970*. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GALLO, Solange Leda; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Corpo e(m) discurso na rede. In: ROMÃO, Lucília Maria Sousa; GALLI, Fernanda Correa Silveira (Orgs). *Rede eletrônica: sentidos e(m) movimento*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011. p. 13-22



GRIGOLETTO, Evandra. Embates entre memória e arquivo: modos de dizer e (re)significar a figura do Cangaceiro na rede. In: GRIGOLETTO, Evandra; GOMES, Inara Ribeiro (Orgs). *Memória histórica e arquivo: fronteiras e intersecções*. Recife: UFPE, 2015. p. 25-37

\_\_\_\_\_. Entre a dispersão e o controle: ler os arquivos da internet hoje. In: FLORES, Giovanna Gertrudes Benedetto *et al.* *Análise de discurso em rede: cultura e mídia – vol. III*. Campinas: Pontes, 2017. p. 145-69

KOMESU, Fabiana. Espaços e fronteiras da “liberdade de expressão” em blogs na internet. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, V. 49, n. 2, p. 343-357, 2010.

MACHADO, Débora Franco. Mediações algorítmicas: o poder de modulação dos algoritmos do Facebook. In: *Parágrafo*, V. 6, n. 1, p. 43-55, jan./abr. 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Conversa com Eni Orlandi*. [Entrevista concedida a] Raquel Barreto. TEIAS, Rio de Janeiro, ano 7, n 13-14, p. 1-7, jan./dez. 2006.

\_\_\_\_\_. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: DIAS, Cristiane. *Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital [on-line]*. Série e-urbano. V. 2, 2013. s/p.

SILVEIRA, Juliana da. O efeito de rumor na discursivização do corpo político-midiático: imagens rumorais no discurso ordinário digital. In: *REDISCO*, V. 10, p. 57-80, 2016.